

15/08/2019

Violência e Brincar: Polícia ou Ladrão

Marcos Besserman Vianna

[Pesquisador e Vice-Coordenador do Departamento de
Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural da ENSP/Fiocruz]

Libertar-se da violência é uma condição fundamental para o gozo do direito à saúde. A violência perpetrada pelo Estado brasileiro ou pela ausência de sua prevenção está ultrapassando limites. Seja ao massacrar comunidades indígenas, ao destruir a natureza com desmatamentos como nunca visto, ao liberar agrotóxicos nocivos à saúde dos humanos e da natureza, ao combater a liberdade de imprensa, ao defender a falta de isenção de juízes e promiscuidade de relações no judiciário, ao negar tortura e morte de pessoas durante o período da ditadura militar, ao estimular o trabalho infantil. As estratégias de prevenção da violência devem procurar responder de forma rápida e adequada aos casos de violência. Para a prevenção da violência são indispensáveis programas de treinamento, reformas da justiça penal e recursos humanos e financeiros. A “guerra” contra a violência não é auto-executável e sua implementação precisa de recursos adequados dos tribunais e da polícia para permitir a superação dos obstáculos que incitam à violência. No entanto é imperioso o abandono da doutrina militarizada e do tratamento estereotipado das polícias, que dividem a população nos dualismos bandido/cidadãos de bem; inimigo/aliado.

A segurança pública deve ser sinônimo de prevenção e não de confronto com as pessoas. Portanto precisamos repensar a polícia desde o início da formação policial, no sentido de se evitar que estes agentes públicos cometam violências, ou abusos, na sua atividade cotidiana.

É mais do que necessário que as polícias recebam uma instrução especializada, voltada para temas como: relações raciais, direitos sociais e políticos de populações excluídas, igualdade de gênero, respeito às populações LBGTI, defesa das crianças e adolescentes, percepção em relação a pessoas com deficiência. Veja o trecho:

Em nossa sociedade, em diferentes situações, pessoas são injustamente tratadas ou percebidas com desconfiança e suspeita em função da cor de sua pele, idade, sexo, orientação sexual, local de moradia ou por apresentarem algum tipo de deficiência. Esse tratamento denomina-se discriminação, manifestada em atitudes geradas por preconceitos enraizados em nossa cultura, resultando em restrições (ou negação) ao exercício dos direitos e liberdades fundamentais das pessoas por ele afetadas.

Está escrito na página 15 da Cartilha *Atuação Policial na Proteção dos Direitos Humanos de Pessoas em Situação de Vulnerabilidade*, publicada pela Secretaria Nacional de Segurança Pública, do Ministério da Justiça, em 2013.¹

Trata-se de reconhecer que todas as pessoas são diferentes e não valorar as pessoas como bons/maus; melhores/piiores.

Qual reação se pode esperar de uma pessoa com transtorno autista quando de uma abordagem policial senão agitação? E de pessoas sistematicamente afetadas por discriminação em nossa sociedade como adolescentes, pessoas negras, transgêneras, com deficiência, que moram nas ruas e tantas outras que são maltratadas e estigmatizadas por serem quem são? Em que sociedade queremos que nossas crianças cresçam? As crianças vão absorvendo os preconceitos que presenciam no dia a dia. Através das dualidades alto/baixo, inteligente/burro, feio/bonito, mesmo quando pequenas fabricam ideias preconcebidas sobre o outro, construídas de acordo com o que ouvem, veem na TV/Tablet/Celular ou vivenciam em seu entorno. Mesmo pequenos preconceitos vão lentamente excluindo indivíduos e determinando grupos segregados daqueles que não estejam inseridos no padrão estabelecido. Precisamos inculcar nas crianças valores. Claro. Mas valores que se sobreponham às diferenças para tornar a vida interessante. A respeitar todas as pessoas. NINGUÉM SERÁ DEIXADO PARA TRÁS. Conforme José Saramago, escritor português: “Aprendi a não tentar convencer ninguém. O trabalho de convencer é uma falta de respeito, é uma tentativa de colonização do outro.” Não devemos impor ideias preconcebidas às crianças. Demonstrar na prática cotidiana uma diminuição na frequência de valores hedonistas e um aumento na repetição de valores relacionados ao bem-estar de outras pessoas. Valores, regras, significados, são importantes manifestações da atividade humana segundo o psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget.

Variam de cultura para cultura, modificam-se com o tempo, mudam com experiências, conhecimento e relações pessoais diversas.

Nossa sociedade está infestada pelo apreço aos bens materiais e pelo individualismo. Valores que podem repercutir negativamente na qualidade de vida das crianças e adolescentes. Crianças e adolescentes que expressam mais desejos materialistas têm menor autoestima e são mais ansiosos e menos felizes que aqueles que dão maior valor ao bem-estar dos outros.

As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente forem ameaçados ou violados:

- (I) por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;
- (II) por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável;
- (III) em razão de sua conduta.

(Art. 98 – Estatuto da Criança e do Adolescente)²

Começamos abordando a luta contra a violência e falando da polícia. Queremos que as crianças brinquem de polícia/ladrão, mas que o policial seja um agente da promoção dos direitos humanos e o ladrão não seja fruto de estigmas e traumas de violência causada pelo longo processo histórico de desumanização, através da colonização, do patriarcado e da escravidão. Deixemos que as crianças conquistem sua identidade de ser e estar no mundo através dos saberes e conhecimentos particulares e

<p>universais, superando o etnocentrismo, o eurocentrismo, o antropocentrismo, os dualismos vulgares com que nossa sociedade julga os outros.</p> <p>“ - <i>Era uma criança tão alta, mas tão alta, que tomou um iogurte, e quando chegou ao estômago, já estava vencido.</i> - <i>Era uma criança tão, mas tão pequena que sua cabeça cheirava a pé.</i>”</p> <p>São piadas de crianças. Obviamente preconceituosas.</p>	<p>Mas ser alto, baixo, gordo, magro, canhoto, destro... são diferenças aceitas pela sociedade até certo ponto.</p> <p>Esperamos que no futuro todas as opções da diversidade humana sejam vistas com o olhar singelo das crianças e polícia e ladrão volte a ser uma brincadeira de pega-pega, sem armas, sem violência e sem julgamentos pré-concebidos. ■■■</p> <p>1 - https://www.justica.gov.br/central-de-contudo/seguranca-publica/cartilhas/a_cartilha_policial_2013.pdf 2 - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/38069.htm</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	